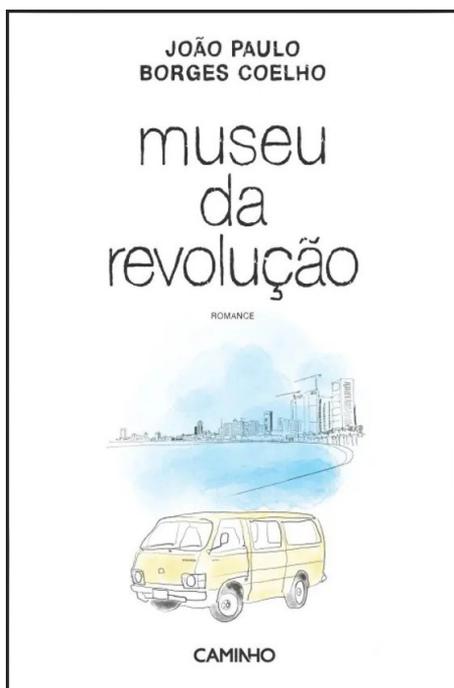


**João Paulo Borges Coelho: *Museu da Revolução*.
Editorial Caminho: Lisboa, 2021, 488 pp.**

Sheila Pereira Khan (UTAD / CECS)



Podem os esquecidos
renascer
numa terra de nomes?

(Coelho 2021: 468)

Publicado em 2021, *Museu da Revolução*, do escritor e historiador moçambicano João Paulo Borges Coelho, consolida um percurso literário que não carece de dúvidas e de hesitações no que concerne ao lugar indiscutível que o autor assume no panorama contemporâneo da literatura moçambicana. João Paulo é um escritor que atua no seu discernimento sobre a evolução histórica, económica e social de Moçambique de uma forma acutilante e minuciosa, ao

escrever sobre realidades, personagens e cenários que escapam ao olhar distraído, ou por assim dizer, a uma postura hegemónica de escrever a História moçambicana sob uma determinada perspetiva e, por conseguinte, em detrimento de uma visão mais ampla, inclusiva e reconhedora dos espaços em branco dessa mesma história (Meneses 2012a, 2021b).

Esses outros lugares, contextos e vidas manifestam o seu compromisso de rever os trâmites e protocolos oficiais de fazer o labor histórico, esquivando-se a uma preguiça de memória que lembra uns, esquecendo-se e rasurando outros (Khan 2022).

Com rigor, a sua disciplina de escrita revela um escritor que pela sua narrativa de vida e pela sua experiência profissional, está à frente do fervilhar de um país que viveu e vive momentos de uma enorme amnésia e de uma escassez de um dever de memória e de vontade de olhar para o passado de forma mais democrática, exaustiva e multidimensional. Esta é uma

das assunções do próprio autor, que numa entrevista ao jornal *Público*, observa que:

“O esquecimento do passado é funesto. Vivemos um presente em que as coisas se passam tanto dentro do dia, um presente inchado, destituído de utopias e de ideias de futuro e também destituído de passado. [...] O passado não é apenas uma opção. O passado é uma necessidade” (Lucas 2021:20-21).

O que significa, no âmbito da escrita de João Paulo, dizer que o romance *Museu da Revolução*, é um ensaio do estado da arte do desenvolvimento moral, histórico e ético de uma nação em constante transformação, onde velhos e bons princípios que inspiraram a guerra de libertação e a independência política de Moçambique encontram-se, hoje, por um lado, ignorados e colocados no espaço de um museu, o museu da Revolução, e, por outro lado, esboroados no seio de uma cidadania política que produziu ao invés das promessas de unidade nacional, se não corrupção, dívidas, desigualdades sociais e económicas gritantes entre os seus cidadãos? Este desafio de mergulhar em estórias dentro da História de Moçambique (Sousa e Khan 2022), conduz-nos para um longo percurso de encontros, cruzamentos sociais, emocionais e culturais entre nações, Portugal e Moçambique; Moçambique e República Democrática Alemã; Moçambique e África do Sul; e, finalmente, Moçambique e Japão. Cada parêntese geopolítico é um enquadramento preciso sobre os vários estádios da História moçambicana, isto é, como se o autor nos convidasse e se disponibilizasse, ele próprio, como um cicerone dos contextos que incluem a guerra colonial/guerra de libertação; os protocolos de cooperação económica e laboral entre Moçambique e a antiga RDA; a guerra civil entre FRELIMO e RENAMO e o Apartheid na África do Sul; a abertura de Moçambique para um liberalismo económico, a partir de anos 80 e com a entrada do Fundo Monetário Internacional no país, que beneficiou a emergência de elites políticas e económicas moçambicanas. Todos estes momentos encontram-se na narrativa entrelaçados, o que nos permite visualizar como através do *Museu da Revolução*, o autor vai esmiuçando as vidas, as narrativas, as identidades e os caminhos de tantos moçambicanos que também ocuparam um lugar na construção desta nação do Rovuma ao Maputo e, que, porém, permanecem invisíveis na autoridade oficial de contar a história moçambicana.

Museu da Revolução alcança um novo patamar ao procurar para a sua construção narrativa outras visões e leituras possíveis do mundo, não apenas na dimensão social e histórica, mas, inclusivamente, numa linha de

ação e reação geracional onde os mais jovens vão em busca de respostas, de formas de solucionar os silêncios das histórias pessoais e íntimas dos seus progenitores, que também fazem parte dessas outras Histórias nacionais. Com precisão, é a partir de uma forma singular e inesperada esta incursão do pensamento crítico de João Paulo na construção de um novo patamar literário moçambicano, no qual a pós-memória emerge como uma nova janela para pensar, compreender e reparar a grande história nacional, a partir de um trabalho arqueológico das memórias marginalizadas, esquecidas e rasuradas. Ora, no *Museu da Revolução*, são duas jovens, uma portuguesa e fruto da relação entre um ex-combatente da guerra colonial com uma mulher negra moçambicana; e a outra sul-africana, filha de um mercenário sul-africano – em exercício para desestabilizar Moçambique durante os anos de guerra civil entre a FRELIMO e a RENAMO –, que unem as pontas soltas deste enredo histórico, na sua tentativa de procurar os resquícios, as testemunhas e os testemunhos da presença dos seus pais por estes territórios, como forma de trazer uma outra luz, uma visão mais aberta, equilibrada, clarividente e reparadora das histórias dentro da História.

Principalmente, são elas, as jovens que fazem com que a memória do passado que está parado e petrificado no museu da Revolução, se transforme ativamente num dever de pós-memória que suplanta, desafia a fixidez e o emudecimento históricos quer do passado quer do presente, mostrando pela sua audácia e coragem, ao longo da narrativa, aquilo que o narrador resume de uma maneira magistral na própria narrativa como uma nova consciência histórica e geracional no que concerne à captação, compreensão e preservação das múltiplas e diferentes experiências da memória humana, ainda por narrar:

“Lembrar exige que seja observado um certo protocolo, que acendamos uma espécie de lanterna da consciência que nos ilumine o caminho até às coisas que o tempo escondeu em pregas recônditas” (Coelho 2021:107).

Referências bibliográficas

Lucas, Isabel. 2022. “Um romance para tirar Moçambique do gueto”. In: *Ípsilon*, Lisboa, 18 nov. 2022.

Disponível em: <https://www.publico.pt/2021/11/24/culturaipsilon/entrevista/romance-tirar-mocambique-gueto-1986171>.

Khan, Sheila. 2022 (no prelo). “Uma Etnografia de Ausências: Moçambique, História e “Uma Memória em três atos”. In: *Portugal e Moçambique – Travessias*

identitárias e imaginários do passado e do presente. Org. Moisés de Lemos Martins, Alice Balbé, Isabel Macedo e Eliseu Mabasso. Famacião: Editora Húmus, pp. 91-105.

Meneses, Paula. 2021a. “As estátuas também se abatem: momentos da descolonização em Moçambique”. In: *Cadernos NAUI: Núcleo de Dinâmicas Urbanas e Patrimônio Cultural*, Florianópolis, v. 10, n. 18, pp. 108-128, jan./jun.

Meneses, Paula. 2021b. “Desafios à descolonização epistêmica: práticas, contextos e lutas para além das fraturas abissais”. In: *Contemporânea – Revista de Sociologia* da UFSCa, v. 10, n. 3, pp. 1067-1097. <https://doi.org/10.31560/2316-1329.v10n3.10>

Sousa, Sandra e Khan, Sheila. 2022. “As Estórias dentro da História: mapeando a nação no Museu da Revolução de João Paulo Borges Coelho”. In: *Gragoatá*, 27 (59), pp. 1-18.